



formas de pastorais da mobilidade humana, inspirada e fortificada pela riqueza do DA.

Bibliografia essencial sobre o DA

Aparecida Esperanza para América Latina y El Caribe. Medellín, vol XXXIII, n. 130, junio 2007.

Aparecida: horizontes de anseios e esperanças. Revista Espaços, vol 15, n. 1, 2007.

Perspectivas Teológicas de Aparecida. Medellín, vol XXXIII, n. 131, septiembre 2007.

Ruma à Assembléia de Aparecida. Revista Dominicana de Teologia, ano 2, n. 4, 2007.

V Conferência Geral do Episcopado latino-americano e Caribenho. Encontros Teológicos, ano 21, n. 3, 2006.

Endereço da Autora:

E-mail: migrante@csem.org.br



Homilia que Dom Murilo S.R. Krieger, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, faria dia 23 de novembro de 2008, na celebração de encerramento do Centenário da “Diocese” de Florianópolis¹

Dom Murilo S.R. Krieger, scj²

Celebração Eucarística

Encerramento das celebrações do Centenário da “Diocese” de Florianópolis

Estádio Orlando Scarpelli – Florianópolis, 23.11.08

Liturgia de *Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo*

Ezequiel 34,11-12.15-17; Salmo 23/22; 1Coríntios 15,20-26.28;

Mateus 25,31-46

¹ Celebração prevista mas não realizada devido a catástrofe climática que ocasionou fortes chuvas, com inúmeros danos e mais de cem mortes no litoral catarinense.

² Arcebispo de Florianópolis.



1. *“Eu mesmo vou procurar minhas ovelhas e tomar conta delas... Vou cuidar de minhas ovelhas e resgatá-las de todos os lugares... Eu mesmo vou apascentar minhas ovelhas e fazê-las repousar...”* Nessas palavras do SENHOR – palavras que nos foram transmitidas pelo Profeta Ezequiel – está uma descrição clara dos objetivos que levaram à criação da “Diocese” de Florianópolis. Somos fruto do carinho de Deus; nossa Diocese existe graças a seu desejo de nos congregar em torno de Si. Por isso, temos todo o direito de, nesta manhã de festa, fazer nosso cântico do Salmista: *“O Senhor é o pastor que me conduz; não me falta coisa alguma!”*
2. Nosso olhar se volta para o caminho percorrido por nossa Igreja Diocesana ao longo de 100 anos. É oportuno fazer uma descrição, mesmo que breve, dos Bispos que ajudaram a escrever sua História. Em primeiro lugar, Dom João Becker. Dia 12 de outubro de 1908, quando assumiu a “Diocese” de Florianópolis, todo o Estado de Santa Catarina estava sob sua jurisdição. Dom João Becker deu atenção especial à fundação de escolas católicas. A partir de 1914 tivemos a presença de Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Ele cuidou desse rebanho do SENHOR por mais de 50 anos, deixando nele profundas marcas de sua formação intelectual, de sua santidade e coerência. Dom Joaquim pediu e obteve do Papa Pio XI, em 1922, a declaração de Santa Catarina de Alexandria como padroeira desta Igreja Particular. É-me grato lembrar o nome de Dom Afonso Niehues. Com serenidade, conduziu nossa Arquidiocese pelos caminhos da renovação propostos pelo Concílio Vaticano II. Veio, depois, Dom Eusébio Oscar Scheid, hoje Cardeal Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro: com seu jeito alegre e descontraído, procurou proclamar a todos que “Deus é bom!”. Essa Arquidiocese teve, no final da década de cinquenta, um Arcebispo Coadjutor, transferido, oito anos depois para a Arquidiocese de Ribeirão Preto: o grande orador, Dom Felício César da Cunha Vasconcelos. Contou, também, com Bispos Auxiliares: eu mesmo, filho desta Arquidiocese; Dom Vito Schlickmann que, como sacerdote, dedicou sua vida à formação do clero e, como bispo, foi e tem sido de preciosa ajuda nos trabalhos da Arquidiocese; e Dom José Negri, que



- enriquece nossa Igreja com seu entusiasmo missionário, e a mim, com sua amizade.
3. Se pudéssemos recordar o nome e a contribuição de cada sacerdote que fez ou faz parte de nosso presbitério, teríamos aqui uma aula de amor e dedicação. Cito apenas dois nomes e, por meio deles, presto minha homenagem a todos os sacerdotes que aqui trabalharam ou trabalham: em primeiro lugar, o missionário alemão Monsenhor Francisco Xavier Topp, que preparou a criação da “Diocese” de Florianópolis e foi sua “alma” nos primeiros tempos; lembro, igualmente, o Monsenhor Valentim Loch, nosso contemporâneo e modelo de fidelidade ao SENHOR. Trago, também, a lembrança dos Diáconos Permanentes e os homenageio com o registro do nome do Diácono Eduardo Mário Tavares. Quarenta anos atrás, tornou-se o primeiro Diácono Permanente ordenado no Brasil; essa ordenação aconteceu em nossa Arquidiocese e abriu para nós novas perspectivas de evangelização. Para lembrar os milhares de religiosos e religiosas que, com seu testemunho, santificaram estas terras, recordo o nome de Amabile Visintainer. Tendo assumido o nome de Paulina do Coração Agonizante de Jesus, é hoje conhecida com o nome de “Santa Paulina”; ninguém mais pergunta se era italiana ou brasileira, de Vigolo Vattaro ou de Nova Trento, porque é uma santa de todos, que a todos evangeliza com seu testemunho. Da imensa família formada pelos leigos e leigas que construíram esta Diocese centenária, lembro um nome e recordo um ensinamento que eles nos dão. O nome: Albertina Berkenbrock, exemplo do que os jovens podem fazer quando Jesus Cristo toma posse de seu coração e dele se torna rei. O ensinamento que os leigos e leigas nos dão; a santidade, normalmente, se constrói cada dia, na humildade da rotina cotidiana, na santificação da vida familiar e na dedicação renovada para transformar a cidade dos homens em *Cidade de Deus*.
 4. A Liturgia desta Solenidade de Cristo Rei nos apresenta Jesus Cristo como pastor e rei. Como Pastor, desce até nós, para nos demonstrar seu carinho. É o que acontece em nosso “hoje” – isto é, no tempo em que estamos vivendo. Nesse tempo, tempo de salvação, o Bom Pastor deixa as decisões em nossas mãos. É o momento adequado para dar de comer aos que estão com



fome; dar de beber aos que estão com sede; vestir os nus; acolher os migrantes; visitar os doentes e presos. Que se impregne fortemente em nossos corações a afirmação de Jesus: “Foi a mim que o fizestes!” Essa certeza é um apelo para multiplicarmos gestos de partilha, de doação e amor – matéria-prima na construção de uma sociedade justa e solidária. Da forma como acolhermos aqueles com os quais Jesus Cristo se identifica, dependerá nosso julgamento – isto é, o Pastor, que hoje cura nossas feridas, dará lugar ao Rei, que no fim dos tempos nos julgará.

5. Convido-os a voltarmos nosso olhar para o presente e constatado: vocês, meus irmãos e minhas irmãs, são o presente! Por isso, as palavras do apóstolo Paulo aos cristãos de Corinto são dirigidas a vocês, a todos nós. O Apóstolo nos apresenta sua visão da História da Salvação: em Cristo ressuscitado, haverá a reunificação de toda a criação. Ele quer “*entregar a realeza a Deus Pai, depois de destruir todo principado e todo poder e força*”. Paulo evoca aqui a lembrança do que acontecia com frequência em sua época: o filho de um rei reconquistava para seu pai um reino que este havia perdido em uma guerra; da mesma forma, Cristo conquista para seu Pai a humanidade que estava longe dele pelo pecado. E como a conquista? Com o poder de seu sangue. E como a une? Pela santidade.
6. Ao apresentar o caminho a ser percorrido pela Igreja ao longo do terceiro milênio, o então Papa João Paulo II nos advertiu: “não há uma fórmula mágica para enfrentarmos os grandes desafios de nosso tempo; não será uma fórmula a nos salvar, mas uma Pessoa, e a certeza que ela nos infunde: *Eu estarei convosco!* Sendo assim, não se trata de inventar um ‘programa novo’. O programa já existe: é o mesmo de sempre, expresso no Evangelho e na Tradição viva. Concentra-se, em última análise, no próprio Cristo, que temos de conhecer, amar e imitar, para nele viver a vida trinitária e com ele transformar a história até a sua plenitude na Jerusalém celeste” (NMI, 29). João Paulo II continua: “Não hesito em dizer que o horizonte para o qual deve tender todo caminho pastoral é a *santidade*”... “Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação (1Ts 4,3). [A santidade] é um compromisso que diz respeito não apenas a alguns, mas os



cristãos de qualquer estado ou ordem são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade” (NMI 30).

7. No caminho que se abre diante de nós a partir deste centenário, aponto alguns caminhos para alcançarmos a santidade:
 - Um amor especial à Eucaristia. O 15º Congresso Eucarístico Nacional foi uma das maiores graças que nossa “Diocese” recebeu ao longo de sua história. Cabe-nos continuar proclamando que *Ele está no meio de nós!* e solenizar o Domingo, dia do SENHOR. Não abandonemos, ao contrário, revigoremos nosso compromisso de multiplicar momentos de Adoração Eucarística em nossas paróquias e capelas.
 - Um maior espaço à Palavra de Deus em nossas vidas. Pertencemos a um povo que tem o privilégio de conhecer a intimidade de Deus e Sua vontade, pois Ele próprio quis revelar-se. Nossos “Grupos Bíblicos em Família” buscam atualizar a experiência das primeiras comunidades, que “*eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações*” (At 2,42). Por isso, é importante que todos os que tiverem condições, participem desses nossos grupos.
 - Uma atenção especial às vocações, a todas as vocações e, de modo particular, às vocações sacerdotais e religiosas. Precisamos dar aos jovens, que o próprio SENHOR estiver chamando, as condições necessárias para Lhe responder com o generoso dom de suas vidas.
 - Um destaque, em todas as nossas iniciativas, à família, lugar privilegiado para a transmissão da fé. “No Evangelho”, lembra-nos Bento XVI, “não encontramos discursos sobre a família, mas uma admoestação que vale mais do que toda a palavra: Deus quis nascer e crescer numa família humana” (31.12.06). Para a santificação de nossas famílias, e como fruto permanente do Centenário, a Arquidiocese de Florianópolis está propondo *A Hora da Família*. A essência dessa proposta é muito simples: que cada família escolha ao menos uma noite por semana, para se reunir em torno da Palavra de Deus e da oração do Rosário. “A família que reza unida, permanece unida!”



8. Ao longo das celebrações do Centenário, rezamos muitas vezes: “Na caminhada para vós, [ó Pai], anima-nos a intercessão da Mãe do vosso Filho, Nossa Senhora do Desterro”. É a ela que, agora, me dirijo: *Mãe querida! Nossa Senhora do Desterro! Não foste tu a desterrada, mas teu Filho! Tu o acompanhaste porque jamais aceitaste abandoná-lo. Além de acompanhá-lo, e porque sempre estás onde ele está, acompanhaste esta “Diocese” ao longo de sua existência. Por tudo isso, nós te somos gratos, Mãe querida! Na peregrinação de tua imagem pelas paróquias da Arquidiocese neste ano do Centenário pudeste perceber como este povo te ama e quanto é grande o carinho que te dedica. Com a liberdade de filho, te peço: intercede por esta família arquidiocesana e pelos que a visitam. Alcança para nós ter os mesmos sentimentos do Coração de teu Filho Jesus. Assim, seremos discípulos missionários como nossa Igreja deseja e nosso mundo necessita. Amém.*



BUYST, Ione, e FONSECA, Joaquim. *Música ritual e mistagogia*. São Paulo, Paulus, 2008, col. Liturgia e Música, 13,5 x 21cm, 104 p.

Ney Brasil Pereira*

“Música ritual” é um conceito que foi amplamente trabalhado no fascículo anterior da coleção “Liturgia e Música”, a qual agora chega ao seu sétimo título, acrescentando o conceito “Mistagogia”. O fascículo apresenta-se como um trabalho de cooperação, elaborado pela liturgista Ione Buyst e o músico Frei Joaquim Fonseca.

No prefácio, Frei Joaquim explica que o livro é “fruto de uma inquietante busca que ganhou impulso a partir da 19ª Semana de Liturgia, realizada em São Paulo em 2005. O tema dessa memorável Semana foi ‘*Canto e música na liturgia: do rito à teologia e à espiritualidade*’. O grande desafio para os assessores da referida Semana foi a metodologia, que consistia em partir do rito para se chegar à compreensão teológica e à conseqüente vivência espiritual do canto e da música na ação litúrgica” (p. 6). Este livro, ainda segundo o prefaciador, “constitui um marco referencial que questiona e, ao mesmo tempo, aponta para um novo jeito de lidar com a formação litúrgico-musical do povo de Deus, sobretudo dos ministros e ministras da música ritual... O livro confirma, na prática, que é inconcebível falar de música ritual desvinculada da teologia litúrgica e vice-versa. Enfim, o que se espera do método *mistagógico* é atingir sobretudo os ministros e ministras do canto e da música para que, aos poucos, desenvolvam uma nova maneira de participação na ação litúrgica, deixando-se crescer espiritualmente enquanto entoam o ‘cântico novo’ dos ressuscitados em Cristo” (p. 6).

Na introdução, assinada por Ione, ela começa observando que “não basta cantar”, na liturgia. “É preciso saborear espiritualmente aquilo que se canta. É preciso que a música, na liturgia, seja vivida

* O recensor é Mestre em Ciências Bíblicas, Professor no ITESC e Regente do Coral da Catedral de Florianópolis, SC.